



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM ATRASO DO
DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR: UM ESTUDO DE
CASO**

REGINA DE JESUS DOS SANTOS

ORIENTADORA: ROSANIA APARECIDA STOCO DE OLIVEIRA

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

REGINA DE JESUS DOS SANTOS

**PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM ATRASO DO
DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR: UM ESTUDO DE
CASO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
do Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Rosania Aparecida Stoco de Oliveira.

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

REGINA DE JESUS DOS SANTOS

PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM ATRASO DO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR: UM ESTUDO DE CASO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

ROSANIA APARECIDA STOCO DE OLIVEIRA (Orientadora)

GEANE DE JESUS SILVA (Examinadora)

REGINA DE JESUS DOS SANTOS (Cursista)

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Agradeço infinitamente a Deus, que sei nunca ter desistido de mim e de nenhum de seus filhos. Às professoras Diva Albuquerque Maciel e Rosania Aparecida Stoco de Oliveira pelo incentivo e contribuição, e por tudo que me disseram, me ensinaram. Levarei sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por essa oportunidade e por estar sempre guiando os meus passos.

À universidade, tão conceituada, respeitada, por ser essa ponte entre muitos e o conhecimento.

Aos professores, pela dedicação, incentivo e acreditar na minha capacidade apesar de todas as dificuldades.

À Coordenadora do Polo Educacional Dona Carmen, Crésia Belém pelo apoio e todo o esforço concedido.

À minha irmã Guta, que sempre esteve por perto colaborando, incentivando e ajudando nessa caminhada.

E à todos que direta ou indiretamente contribuíram para com o meu trabalho.

Incluir é necessário, primordialmente, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida em sua plenitude, com liberdade, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço a pagar seja bem alto, pois nunca será comparável ao valor do resgate de uma vida escolar marginalizada, de uma evasão, de uma criança estigmatizada sem motivos. (MANTOAN, p. 36, 2006).

RESUMO

A inclusão nos ajuda a construir uma sociedade mais democrática e solidária, onde todos sejam valorizados pelas suas capacidades, e não há espaço melhor que a escola para consolidar esse projeto de mundo, refletindo sobre as questões de uma escola de qualidade para todos, sem distinção, incluindo alunos e professores através da perspectiva sociocultural. O presente trabalho teve como objetivo mostrar um pouco sobre o processo de inclusão de um aluno com Atraso do Desenvolvimento Neuropsicomotor, em uma escola municipal na cidade de Guanambi, Bahia. A metodologia utilizada no trabalho foi sob a perspectiva qualitativa e método de estudo de caso. Participaram desta pesquisa: um aluno (sujeito do estudo), de 13 anos e cursando o 4º ano do Ensino Fundamental, que além da instituição em que estuda, frequenta a sala multifuncional de outra escola e é atendido pelo CREIO do município; a Diretora da escola pesquisada; a professora que atende o aluno, e a mãe do aluno. Foram realizadas entrevistas com estes participantes. A partir da análise dos dados obtidos durante a pesquisa, conclui-se que ainda necessita de muitas mudanças para que a inclusão escolar possa favorecer realmente aos alunos com necessidade educacionais especiais, principalmente no que diz respeito à estrutura física da escola e a qualificação profissional.

Palavras-Chave: Inclusão Escolar, Atraso no Desenvolvimento, Qualificação Profissional.

SUMÁRIO

RESUMO	08
1 APRESENTAÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Os Avanços da Educação Inclusiva	14
2.2 A Inclusão que Acolhe	15
2.3 Qualificação Profissional como Alicerce da Inclusão Escolar	16
2.4 Conceituando o Atraso do Desenvolvimento Neuropsicomotor	17
3 OBJETIVOS	21
4 METODOLOGIA	21
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia	21
4.2 Contexto da Pesquisa	21
4.3 Participantes	22
4.4 Materiais	22
4.5 Instrumentos de Construção das Informações	23
4.6 Procedimentos de Construção das Informações	23
4.7 Procedimentos de Análise das Informações	24
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS	25
5.1 Formação dos Participantes	25
5.2 Desafios da inclusão	26
5.3 A visão da professora em relação ao aluno com atraso do DNPM	27
5.4 Entrevistando a direção da escola	28
5.5 A visão de uma mãe sobre o processo de inclusão do filho	29
5.6 Conversa com M1 e as observações em sala de aula	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	
A - Roteiro de Entrevista I- Direção da Escola (Modelo)	36
B - Roteiro de entrevista II – Professor (Modelo)	36
C - Roteiro de Entrevista III - Mãe do aluno (Modelo)	37
D – Roteiro de Entrevista III – Aluno objeto da pesquisa (Modelo)	37

E - Modelo de Diário de Campo	38
ANEXOS	39
A - Mapa conceitual do termo atraso do desenvolvimento na literatura internacional e nacional.	39
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)	40
C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor/Direção (Modelo)	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Conversa com M1	30
Quadro 2 – Mapa Conceitual do termo atraso do desenvolvimento	39

1 APRESENTAÇÃO

A inclusão escolar é um dos assuntos mais discutidos na área da educação nos dias de hoje e nas escolas há um número significativo de alunos com deficiência, seja ela física ou intelectual, frequentando o ensino regular, apesar de que “a história da educação especial começou a ser traçada no século XVI, com médicos e pedagogos que, desafiando os conceitos vigentes na época, acreditaram nas possibilidades de indivíduos até então considerados ineducáveis” (MENDES, 2006, p. 387). Devido à política de inclusão, a escola precisa receber esse aluno. Agora, não é apenas colocando ele em sala de aula, uma turma regular, que o assunto está resolvido. Apenas receber esse aluno em sala de aula não se configura como inclusão, sendo que pode não ter a estrutura de que precisa, o profissional especializado de que necessita, e assim sempre vai de uma série pra outra sem progresso algum. Nessa situação, o professor não fica satisfeito simplesmente pelo fato de ter mais um o aluno na escola e, em sua turma. E, para evitar essa insatisfação é necessário que haja uma estrutura adequada na instituição, profissionais qualificados, atendimentos especializados. Quem trabalha em sala de aula sempre está exposto a esse tipo de situação.

No ano de 2014 tive dois alunos com Síndrome de Down, um deles estudava na sala regular um período e em período oposto estava na multifuncional; o outro, que na verdade era uma menina, dividia um só período para as duas salas, pois a mesma morava na zona rural e não tinha como estudar nos dois turnos. A sala multifuncional auxilia os professores de turmas regulares na construção do conhecimento de determinados alunos, tendo em vista que a parceria desses professores, das salas regular e multifuncional, faz uma enorme diferença na aprendizagem desses alunos, no desenvolvimento de suas habilidades e competências. Conviver com essa realidade foi um fator determinante na escolha do referido tema.

Quando a escola não é equipada, não tem estrutura adequada, dificulta muito a vida e a rotina do professor. O aluno também se sente excluído: ele percebe as atitudes dos colegas, sabe que não acompanha a turma, se sente rejeitado, e na maioria dos casos, nem um acompanhante, um monitor, ele tem, tendo em vista que o aluno observado na construção desse trabalho apresenta um Déficit Intelectual (DI) devido ao Atraso do Desenvolvimento Neuropsicomotor (ADNPM), uma restrição que dificulta muito a sua comunicação com os demais, além da realização e compreensão das tarefas. Essa falta atrapalha uma “inclusão”,

que seria para ele se sentir bem, acolhido, tornando impossível essa igualdade tão almejada, tão necessária e, às vezes, pouco distante.

Na maioria das vezes, a dificuldade em se concretizar a inclusão é que o professor está despreparado tanto quanto a sua escola, eis aqui a importância de uma qualificação, pois ele terá mais ferramentas para lidar com a situação, buscando ainda, voluntariamente, estudar e entender cada deficiência, cada dificuldade para ~~assim~~ tentar uma solução viável para seu papel de educador, amigo e também como ser humano, em que, com a satisfação do seu trabalho, se realiza como pessoa.

Hoje, além de ser um assunto muito discutido, vemos grandes avanços na área da inclusão, porém não existe uma avaliação dentro da perspectiva de inclusão para que se tenha conhecimento de como ela está realmente acontecendo. Segundo Mendes (2006, p. 389) “faltam indicadores para monitorar o processo, os que acenam com estatísticas promissoras muitas vezes não possuem dados confiáveis, e outras vezes não complementam seus estudos com descrições de quem é esse alunado e de como está sua situação educacional.”

Dentro da problematização desse trabalho, destaco os desafios da educação inclusiva, que vão desde a estrutura escolar até a qualificação de seus profissionais, visto que na maioria das vezes o aluno não deficiente tem um bom relacionamento com os alunos com deficiência, mas falta muito por parte dos profissionais e da estrutura física da instituição. Importante também, dar a esse aluno a oportunidade de mostrar suas competências no âmbito escolar sem precisamente partir da leitura e escrita, ele tem esse espaço na escola? Está sendo incentivado e valorizado?

Sendo assim, a metodologia desse trabalho buscou respostas para essas perguntas, a partir de entrevistas e observações envolvendo a direção, a professora, a mãe e o aluno. São essas indagações que orientaram esse trabalho, tendo em vista que mesmo que o aluno não apresente um desenvolvimento satisfatório no processo ensino-aprendizagem, o importante é - valorizar suas habilidades e cada avanço deve ser considerado.

A fundamentação teórica utilizada neste trabalho trouxe uma vasta contribuição de autores que estudaram e analisaram a inclusão escolar e o desenvolvimento de alunos com o atraso do DNPM. Dentre eles Mendes, (2006, p.402), que acredita que “o debate sobre o princípio da inclusão escolar no Brasil é hoje um fenômeno da retórica, como foi a integração

escolar nos últimos trinta anos.” Acrescenta ainda que “é preciso, portanto, questionar: Qual a prática necessária? E o conhecimento necessário para fundamentar a prática?”.

Temos ainda a contribuição de Gil (2007, S.P.), que vê esse processo de inclusão de maneira mais positiva, dizendo nos ser “o resultado de muitas discussões, estudos teóricos e práticas que tiveram a participação e o apoio de organizações de pessoas com deficiência e educadores, no Brasil e no mundo”. E, Gonzaga (2007, S.P.) que nos fala da prática de rotular essas crianças limitando o seu conhecimento, sua capacidade, que isso “somente reforça o fracasso e perpetua a visão de que o problema está no indivíduo, e não em fatores de metodologias educacionais, currículos e organização escolar.”

Na intenção de compreender melhor o tema de estudo é que desenvolvi o trabalho “Processo de inclusão de um aluno com Atraso do Desenvolvimento Neuropsicomotor”, nele busco analisar como esse aluno está inserido no ambiente escolar, e como estão sendo valorizadas as habilidades que vão além da leitura e escrita.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Os avanços da educação inclusiva

A inclusão escolar é, sem dúvida, um dos grandes avanços da educação. Segundo Gil (2013), ela é o resultado de discursões e estudos que ocorreram no Brasil e no mundo, e que o contexto histórico no qual estamos inseridos garantiu esses direitos, preconizados por importantes documentos produzidos sobre esse assunto, dentre eles a Declaração de Salamanca e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Para Pereira e Santos (2009, p. 265),

O princípio que fundamenta a *Declaração de Salamanca* é o de que toda criança tem direito à educação como meio de alcançar um nível adequado de desenvolvimento, em que características individuais, habilidades e necessidades, que lhe são particulares, serão respeitadas. Para isso, os sistemas de ensino devem ser organizados com vistas a atender também um público, cujas diferenças, entre os diferentes, podem ser mais acentuadas, os chamados *alunos com necessidades especiais*.

A inclusão nos ajuda a construir uma sociedade mais democrática e solidária, onde todos sejam valorizados pelas suas capacidades, e não há espaço melhor que a escola para consolidar esse projeto de mundo, refletindo sobre as questões de uma escola de qualidade para todos, sem distinção, incluindo alunos e professores, através da perspectiva sociocultural. Isso significa que nós temos de considerar, dentre outros fatores, a visão ideológica de realidade construída sócio e culturalmente por aqueles que são responsáveis pela educação. Sendo assim, para Dutra (2006, p.3),

A educação inclusiva é hoje o debate mais presente na educação do país. Nunca antes foi tão discutido o princípio constitucional de igualdade de condições de acesso e permanência na escola, implicando na necessidade de reverter os velhos conceitos de normalidade e padrões de aprendizagem, bem como, afirmar novos valores na escola que contemplem a cidadania, o acesso universal e a garantia do direito de todas as crianças, jovens e adultos de participação nos diferentes espaços da estrutura social.

Foi a partir de 1994 que a educação inclusiva começou a ser melhor refletida, tendo a publicação de novas políticas públicas para a educação especial. No decorrer dos anos essa política foi tomando novas proporções, porém Mazzotta (1996, p. 184), acredita que,

Ao invés de representar avanço nas posições governamentais com relação à educação, comum e especial, do portador de deficiência, tais alterações contribuem, muitas vezes, para o esquecimento do sendo de “deficiência” e suas implicações individuais e sociais. Além disso, tendem a confundir o entendimento das diretrizes e normas traçadas, o que, por consequência, acarreta prejuízos à qualidade dos serviços prestados.

A partir do momento em que houve essa preocupação com a inclusão, aumentou as responsabilidades educacionais e priorizou ainda desconhecidas e desvalorizadas por uma grande parte da sociedade.

2.2 A inclusão que acolhe

Apesar da inclusão escolar ser uma grande iniciativa sabemos que existe certa distância entre a teoria e a prática. Muitos alunos não acompanham a turma; professores se queixam de turmas cheias; há alunos com necessidades educacionais especiais sem acompanhamento, sem monitor em sala, e acaba que sendo mais um no meio da multidão, e que está ali pela política que para ele não é favorável, onde a inclusão não traz a inserção necessária. Na maioria das vezes, esses alunos têm até dificuldades de interagir, se relacionar, com o outro, com o meio, e sendo a escola é a primeira oportunidade que a criança tem para aprender a conviver com outras crianças fora do ambiente familiar, deve ser um ambiente acolhedor, que dê segurança e espaço para essa criança. De acordo com Gonzaga (2007, s. p.),

A prática de classificar e categorizar crianças baseado no que essas crianças não sabem ou não podem fazer, somente reforça o fracasso e perpetua a visão de que o problema está no indivíduo, e não em fatores de metodologias educacionais, currículos e organização escolar. Aceitar a diversidade do ser humano, seus variados estilos de aprender, de habilidades, é o primeiro passo para a criação de uma escola de qualidade para todos.

Isso faz sentido dentro do processo de inclusão, porém só aceitar não é apenas colocar o aluno dentro da sala de aula. E o professor, além de aceitar, necessita estar preparado para lidar com ele, com suas necessidades, pois sozinho não será possível; ficando evidente a necessidade de se ter um monitor auxiliando na sala. Sabemos que, inclusão escolar é estar acolhendo a todos sem exceção. Portanto, para que a inclusão escolar aconteça de fato, é necessário que a estrutura física e a qualificação profissional sejam adequadas para os alunos com deficiência.

2.3 Qualificação profissional como alicerce da inclusão escolar

Sabemos que sem uma preparação necessária essa inclusão não acontece, preparação essa que envolve a estrutura física da escola, os profissionais, o poder público, a família e a sociedade. Miranda e Filho (2012, p. 17) nos falam que:

A escolarização de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação tem desafiado os espaços escolares a construir novas/outras lógicas de ensino. Diante disso, a formação continuada em processo tem se configurado como uma possibilidade de pensar as demandas escolares e os processos de escolarização dos sujeitos que também são público-alvo da educação especial.

Sendo assim, a especialização de profissional da área é um grande passo para a consolidação da inclusão escolar. Formação essa, que deve ser pensada nas diferentes situações, já que, segundo Nóvoa (1995, p. 25):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência [...]. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.

É necessário ir em busca de novas descobertas, de novas metodologias e possibilidades. Buscas pensadas no coletivo, que possam estar também trazendo novas sugestões e práticas para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Meirieu (2005, p. 44) nos ajuda nessa direção quando afirma:

Abrir a Escola para todos não é uma escolha entre outras: é a própria vocação dessa instituição, uma exigência substancial de sua existência, plenamente coerente com seu princípio fundamental. Uma escola que exclui não é uma escola [...]. A Escola, propriamente, é uma instituição aberta a todas as crianças, uma instituição que tem a preocupação de não descartar ninguém, de fazer com que se compartilhem os saberes que ela deve ensinar a todos. Sem nenhuma reserva.

Sendo a inclusão escolar uma política que acolhe crianças com necessidades educacionais especiais, o professor e demais funcionários precisam estar preparados para

receber estas crianças, e dentro de suas qualificações deve-se também ter conhecimento a cerca do aluno e da deficiência em si. Assim, assim é possível desenvolver uma metodologia adequada dentro de suas especificidades, já que é um direito do aluno.

Para Pimentel (2012, p. 139),

A ausência de conhecimento do professor sobre as peculiaridades das deficiências, o não reconhecimento das potencialidades destes estudantes e a não flexibilização do currículo podem ser considerados fatores determinantes para barreiras atitudinais, práticas pedagógicas distanciadas das necessidades reais dos educandos e resistência com relação à inclusão. [...] A inclusão educacional requer professores preparados para atuar na diversidade, compreendendo as diferenças e valorizando as potencialidades de cada estudante de modo que o ensino favoreça a aprendizagem de todos. A inexistência desta formação gera o fenômeno da pseudoinclusão, ou seja, apenas da figuração do estudante com deficiência na escola regular, sem que o mesmo esteja devidamente incluído no processo de aprender.

Assim sendo, a qualificação profissional é uma grande aliada em uma educação inclusiva de qualidade. A partir dessa qualificação é possível orientar e organizar práticas pedagógicas e ações docentes que potencializem as aprendizagens e as capacidades de seus alunos.

2.4 Conceituando o atraso do desenvolvimento neuropsicomotor

Para que a criança com atraso do DNPM, que apresentam atrasos em seu desenvolvimento cognitivo, físico, motor, se sinta parte do conjunto escolar, é necessário que o profissional tenha certo conhecimento sobre o termo para que se desenvolva propostas capazes de atender às suas necessidades educacionais. Mas o que vem a ser atraso do desenvolvimento? Segundo Dornelas, Duarte e Magalhães (2015, p. 90),

Pelo *Dictionary of Developmental Disabilities Terminology*, atraso do desenvolvimento é uma condição em que a criança não está se desenvolvendo e/ou não alcança habilidades de acordo com a sequência de estágios pré-determinados. Porém, esta definição não é consensual e a falta de padronização do conceito tem gerado discordâncias entre os profissionais da área, levando a situações muito variadas de uso e uma infinidade de termos (ex.: atraso do desenvolvimento, atraso do desenvolvimento Neuropsicomotor, retardo mental, retardo do desenvolvimento Neuropsicomotor, atraso do desenvolvimento global), que parecem não apresentar o mesmo significado, embora muitas vezes sejam usados de maneira semelhante.

Ainda segundo Dornelas; Duarte; Magalhães, (2014, p. 113), o

Atraso do desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM) é um termo frequentemente utilizado na área da saúde da criança, sendo aplicado muitas vezes, tanto no Brasil quanto no exterior, como “diagnóstico final”. Um problema, no entanto, é que este termo não delimita a imagem verdadeira da situação da criança, não cumprindo o papel de diagnóstico.

Porém, o atraso no desenvolvimento vem sendo um grande desafio para os profissionais da saúde e educação, principalmente no que diz respeito à conscientização e orientação dos pais, que na maioria das vezes apresentam certa resistência em conhecer e aceitar a deficiência do filho. Outra questão que desafia também é o diagnóstico desse atraso, pois

O atraso do desenvolvimento está associado a várias condições da infância, desde a concepção, gravidez e parto, decorrentes de fatores adversos como a subnutrição, agravos neurológicos, como a encefalopatia crônica da infância (paralisia cerebral), e genéticos, como a síndrome de Down. O atraso pode ser também uma condição transitória, não sendo possível definir qual será o desfecho do desenvolvimento da criança, o que pressupõe o acompanhamento com avaliações periódicas (DORNELAS; DUARTE; MAGALHÃES, 2014, p. 90).

De acordo com os autores citados acima, essas crianças apresentam dificuldades motoras e funcionais, e necessitam de um acompanhamento sistemático, periódico para uma melhor avaliação do seu quadro de evolução. Como descrito no Anexo C em Mapa conceitual do termo atraso do desenvolvimento (DORNELAS; DUARTE; MAGALHÃES, 2014), esse termo começou a ser usado para caracterizar crianças pretermo, isto é, nascidas de um parto prematuro, depois para crianças com retardo mental, paralisia cerebral, autismo, hidrocefalia, síndrome alcoólica, desordens cromossômicas, anormalidades congênitas, como também para crianças com atraso motor, atraso na linguagem, atraso no comportamento e atraso global. As primeiras aplicações do termo foram para crianças com desenvolvimento atípico, e logo em seguida para crianças com baixa pontuação nos testes de desenvolvimento, e ao longo do tempo para crianças com problemas neurodesenvolvimentais abaixo de 5 anos de idade.

Ainda segundo o mapa, esse termo surgiu tardiamente como sendo um atraso em duas ou mais áreas do desenvolvimento sendo considerado significativo quando ocorre

discrepância de 25% ou mais da taxa esperada ou uma diferença de 1,5 a 2 no desvio-padrão da norma em um ou mais domínios de desenvolvimento em testes norma-referenciados.

Já para a literatura nacional, as aplicações do termo foram para diagnóstico e também para crianças com baixa pontuação nos testes de desenvolvimento, e começou a ser usado para caracterizar crianças com retardo mental, motor e comportamental, e depois em crianças com deficiências sensoriais. As definições começaram como resultado de uma variedade de fatores de riscos biológicos e ambientais, síndrome, comorbidade, necessidade especial, dentre outras.

3 OBJETIVOS

Ao pensarmos em inclusão, precisamos repensar o verdadeiro sentido da educação. Mesmo conhecendo as políticas de inclusão, vemos diante de nossos olhos, aberturas que fazem-na um ato obrigatório e não espontâneo. Tendo em vista que a escola tem por finalidade permitir o acesso ao conhecimento, o aluno precisa de total apoio das instituições escolares. Diante disso, exponho aqui os objetivos desse trabalho.

3.1 Geral:

- ✓ Analisar o contexto escolar de um aluno com Atraso do Desenvolvimento Neuropsicomotor, observando os aspectos possibilitadores de sua inclusão escolar.

3.2 Específicos:

- ✓ Verificar a prática da inclusão na instituição, observando a rotina do aluno em sala de aula e seu relacionamento com os profissionais da escola;
- ✓ Analisar a realidade do aluno, suas indagações e prazeres em torno da educação escolar e seu desenvolvimento em sala de aula;
- ✓ Registrar as condições em que ele se encontra dentro da instituição, a partir de seus relatos e experiências.

4 METODOLOGIA

4.1 Fundamentação teórica da metodologia

Neste trabalho foi utilizada a metodologia qualitativa, pois “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. (Minayo, 2007, p. 44). E, como método será utilizado o Estudo de Caso, pois, enquadra-se como uma abordagem qualitativa, pois o conhecimento encontra-se em constante construção e o pesquisador está sempre buscando novas respostas no desenvolvimento de seu trabalho.

4.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola localizada na cidade de Guanambi, na Bahia, funciona no turno matutino, atendendo 209 alunos, e no vespertino, atendendo 190 aluno. Atende alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental I. Nesta pesquisa, a referida escola recebeu o nome fictício de EscII.

Escolhi esta escola pelo fato de trabalhar na mesma com turmas do 3º ano do Ensino Fundamental no matutino e 5º ano do Ensino Fundamental no vespertino, e por recebermos alunos com necessidades educacionais especiais.

A escola pesquisada possui 11 professores, 1 diretora e não tem vice-diretor pelo fato de receber pouco menos que 300 alunos, essa seria a quantidade que permitiria ter uma vice na instituição.

A EscII tem um total de 6 salas de aula, onde as 6 funcionam no período matutino e apenas 5 no período vespertino. Tem também um banheiro masculino e um feminino para os alunos, 1 cantina, a sala dos professores e da direção, e um banheiro dentro da direção que é também utilizados, além da direção, pelos professores da instituição. E temos um pátio com área razoável, devido a escola ter uma área pequena, que é utilizado nas aulas de educação física e também oficinas do Programa Mais Educação. Temos também uma sala multifuncional, porém não tem ainda os recursos necessários para seu funcionamento. Em se tratando de inclusão, a escola não dispõe de acessibilidade, dificultando muito para alunos como para o aluno M1 (nome fictício).

4.3 Participantes

Apresento aqui os participantes desse trabalho utilizando códigos para preservar a identidade de cada um:

1. Aluno observado: M1 - tem 13 anos, estuda o 4º ano do Ensino Fundamental e apresenta diagnóstico de DNPM apresentando uma grande dificuldade motora e também na dicção, porém adora desenhar.
2. Diretora da escola: J2 - é formada em Pedagogia, com pós-graduação em Gestão Escolar e Psicopedagogia, e está concluindo uma graduação em Psicologia, recebeu muito bem a proposta do meu trabalho, inclusive disponibilizando documentos da pasta do aluno para uma melhor compreensão do caso.
3. Professora da turma do aluno em questão: A3 - formada em Pedagogia, trabalha há 35 anos na educação, sendo que desses, 28 foram em sala de aula como professora, os outros foram em direção de escola e também na Direc, órgão vinculado à secretaria de educação do estado.
4. Mãe do aluno: R4 - é costureira, trabalha na própria residência.

Os participantes deste trabalho foram escolhidos por serem os mais próximos do aluno com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, com o objetivo de obter um maior número possível de informações a respeito do mesmo.

4.4 Materiais

Foram utilizados nessa pesquisa os seguintes materiais:

✓ Gravador, onde as conversas com o aluno foram gravadas para uma melhor compreensão, devido à sua dificuldade na fala foi praticamente impossível escrever toda a conversa no momento, e depois também não consegui descrever a fala dele, já que o mesmo apresenta uma enorme dificuldade na dicção.

✓ Folhas de papel A4, para que o aluno desenvolvesse alguns desenhos, tendo em vista que ele adora desenhar, porém, apresentou uma enorme dificuldade motora, não faz os traços com precisão;

- ✓ Computador, para digitar esse trabalho;
- ✓ Impressora, para imprimir os roteiros de entrevistas e Diário de Bordos;
- ✓ Lápis para descrever as entrevistas;

- ✓ Telefone celular, já que a entrevista com a mãe só foi possível por esse meio.

4.5 Instrumentos de Construção das Informações

Os instrumentos utilizados para a realização deste trabalho foram entrevista semiestruturada (Apêndices A, B, C e D) e observações (Apêndice E). Os instrumentos foram utilizados conforme segue:

- ✓ Roteiro de entrevista, para a mãe, a professora, aluno e a direção; os roteiros foram separados, sendo que cada um tinha uma função diferente;
- ✓ Diário de campo, para registros de informações durante as observações;
- ✓ Leitura de relatórios da pasta do aluno.

4.6 Procedimentos de Construção das Informações

A EscII recebe alguns alunos com deficiência, seja física ou intelectual, escolhi o M1 pelo fato de ser o único na escola que tem atraso do DNPM, e realizar um estudo de caso direcionado a esse aluno seria a oportunidade de compreender um pouco sobre essa deficiência. Sendo assim, escolhi a escola pelo fato de trabalhar na mesmo, o que facilitou a coleta de dados, tendo em vista que algumas instituições resistem muito a essas pesquisas.

A diretora da escola aceitou a realização da pesquisa na escola, aceitou também a entrevista, e inclusive autorizou a leitura de alguns documentos da pasta do aluno, documentos esses, vindos do CREIO (Centro de Referência da Educação Inclusiva Operacional), instituição em que o aluno frequenta e recebe apoio de especialistas como psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, dentre outros, de acordo com a necessidade do aluno. A professora do aluno M1 também atendeu prontamente a minha solicitação se disponibilizando para conversas e entrevistas.

Quando conversei com a mãe sobre a pesquisa, onde a mesma aceitou e autorizou a participação do filho, como assinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), aceitou também participar de uma entrevista, que inclusive, como já citado no trabalho, foi feita por telefone, por não ter sido possível marcar um horário com a mesma na escola.

Na construção das informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com a direção da escola, a mãe do aluno e a professora. Já com o aluno houve conversas, descobri que devia fazer perguntas onde a resposta seria sim ou não, pois não compreendia as outras respostas.

Foram realizadas 2(duas) observações com o aluno em sala de aula, com duração de 4(quatro) horas cada uma.

4.7 Procedimentos de Análise das Informações

A apresentação dos dados dessa pesquisa foi feita a partir das entrevistas realizadas com os participantes e apresentadas de maneira descritiva tendo em vista as repetidas leituras da transcrição das mesmas e em confronto com a fundamentação teórica que sustenta o presente trabalho, conforme as categorias abaixo:

- ✓ Formação dos participantes;
- ✓ Desafios da inclusão;
- ✓ A visão da professora em relação ao aluno com atraso do DNPM;
- ✓ Entrevistando a direção da escola;
- ✓ A visão de uma mãe sobre o processo de inclusão do filho;
- ✓ Conversa com M1 e as observações em sala de aula.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS

5.1 Formação dos participantes

A busca de informações sobre as condições da inclusão escolar na EscII ocorreu, especialmente, no sentido de identificar em quais condições o aluno M1 está inserido e como é atendido na referida escola. Na pesquisa, ficou evidenciada a falta de profissionais qualificados e acompanhantes/monitores para alunos com necessidades educacionais especiais de uma maneira geral. Três pessoas foram entrevistadas, sendo a mãe, a diretora e a professora do aluno. Todas elas citaram a falta de qualificação/preparação profissional, pedagógica e psicológica. Para a professora, *“a falta de qualificação profissional atrasa o processo de inclusão”*, assim também diz a diretora, que *“os professores não estão preparados nem pedagógica nem psicologicamente”*.

Com relação à estrutura física da escola, nota-se que existe uma deficiência muito grande, pois os alunos que necessitam de cuidados especiais não encontram a acessibilidade necessária. Vale salientar que uma escola atuante na proposta da educação inclusiva implica, necessariamente, em remover as barreiras que impedem o acesso de seus alunos, sejam quais forem as necessidades específicas apresentadas por eles.

Os profissionais entrevistados nessa pesquisa apresentam cursos de graduação, onde cursaram disciplinas específicas para educação especial. Porém, isso não é o bastante, já que cursos de/para o aperfeiçoamento faz-se necessário pra uma melhor realização do trabalho e acolhimento a determinados alunos. Thousand e Villa (1989) propuseram duas características para uma escola se tornar inclusiva: gastar tempo e energia formando a equipe escolar e capacitar equipes educacionais para tomar decisões de forma colaborativa. E, vemos como novas habilidades estão sendo exigidas dos profissionais de educação a cada dia.

Cada vez mais tem se exigido dos docentes o desenvolvimento de novas habilidades para atender as necessidades específicas de cada um de seus alunos. Para Denari (2006), a inclusão escolar necessita de procedimentos específicos para a atuação docente, com base na identificação das necessidades especiais.

Conforme aponta Carneiro (2008), a realidade nacional das escolas conta com muitas limitações referentes a como compreender e lidar com a diversidade, bem como, a carência de princípios pedagógicos orientadores nesse contexto. Assim sendo, o professor tem o desafio de aceitar a diversidade. De acordo com Bez (2009), levando em consideração a proposta da

inclusão escolar, na capacitação do educador deveria ser prevista uma sensibilização para atuar junto à diversidade, com aperfeiçoamentos específicos nas terminologias e necessidades especiais. Assim seria bem mais fácil de construir uma escola inclusiva.

Macedo (2005) inclui na questão da formação educador, cujo papel, na sua opinião, também é decisivo para a construção de escola inclusiva, reconhecer que esta formação deve ser pautada na capacidade reflexiva, onde o ensinar e o aprender são indissociáveis.

5.2 Desafios da inclusão

Durante a realização das entrevistas, foi notável a necessidade de mudanças, de aprimoramento na prática da inclusão, tanto na visão da professora quanto da diretora da escola. Para a professora A3 entrevistada nessa pesquisa, o principal desafio é a falta de um acompanhamento por parte de especialistas, citando também monitores de sala, que dão suporte ao professor e colaboram gradativamente para o aprendizado do aluno com necessidades educacionais especiais, deixando isso claro em sua fala: *“Conseguir um acompanhante para determinado aluno, na intenção de estar dando um suporte ao professor na sala de aula, e o funcionamento da multifuncional em todas as escolas.”*

A3 citou a falta de acompanhante mais uma vez, quando questionada se o sistema brasileiro de educação favorece a inclusão, a mesma respondeu que *“Em parte sim, porém apenas colabora na socialização do indivíduo, mas a falta de um acompanhante atrasa esse processo.”* Para a diretora da instituição, identificada aqui como J2, o principal desafio é *“colocar a proposta de inclusão de fato como traz expressa, com profissionais, espaços e recursos necessários e suficientes para de fato incluir esses sujeitos especiais.”* Para que esses desafios sejam superados é necessário que exista de fato uma contribuição para melhoria do ensino em geral. Em consonância com essas ideias, Alonso (2013, s.d.), diz que

Para fazer a inclusão de verdade e garantir a aprendizagem de todos os alunos na escola regular é preciso fortalecer a formação dos professores e criar uma boa rede de apoio entre alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde que atendem as crianças com Necessidades Educacionais Especiais.

Sabemos que o sistema educacional tem papel fundamental na prática/política de inclusão. Ao questionar se esse sistema favorece a inclusão, a professora A3 disse que sim,

porém, que a falta de um acompanhante atrasa esse processo. Para a J2, favorece apenas que teoricamente, já que na prática tem muita coisa que não sai do papel, tendo em vista que a escola desempenha um papel importante na construção de uma escola que atenda às necessidades de cada um, em especial daqueles que correm o risco da exclusão.

5.3 A visão da professora em relação ao aluno com atraso do DNPM

A professora do aluno objeto dessa pesquisa, identificada nesse trabalho como **A3**, trabalha com ele há apenas 9 meses, ou seja, apenas no ano letivo do corrente ano. Na sua visão, ele se relaciona bem com todos os colegas, adora brincar com todos, respeita e também é respeitado. Os colegas do M1, aluno objeto da pesquisa, também brincam naturalmente com ele, e, segundo ela, até compreendem a sua fala melhor que a mesma.

Segundo a Professora durante as aulas M1 sempre fica no seu lugar, não acompanha as atividades, fica o tempo todo rabiscando alguma folha, fazendo desenhos, que ele adora, e também pude notar este comportamento quando o observei em sala de aula. Ainda segundo a professora, ele gosta apenas de artes e não demonstra interesse em outras disciplinas, exceto matemática, gosta dos números, porém não os compreende.

As principais dificuldades do aluno em sala de aula são: na dicção, coordenação motora e dificuldade para escrever, às vezes copia algo, mas com muita dificuldade. A mesma não descreveu o desenvolvimento dele em sala, alegando que essa avaliação é feita pelo pedagogo do CREIO, e que poderia ser mais satisfatório, esse desenvolvimento, caso o mesmo fosse acompanhado por um especialista na sala de aula. Vale salientar que todo e qualquer desenvolvimento do aluno deve ser valorizado, levado em conta. Para Bencini (2003, s.p.),

A questão é como elaborar um projeto de ensino que atenda a todos os alunos, sem exceção, dos mais sensíveis aos mais pragmáticos, dos mais competitivos aos mais colaborativos, dos mais lentos aos mais rápidos, dos vindos de lares desestruturados aos que têm família com laços sólidos, dos portadores de necessidades especiais aos superdotados.

É necessário que se respeite as diferenças de cada um, valorize o aprendizado do aluno e que se pense em novas metodologias, novas propostas que se adequem a forma de aprendizado de determinado aluno.

5.4 Entrevistando a direção da escola

Sabemos que gestão da educação, quando trabalhada numa perspectiva democrática, nos mostra a necessidade de pensarmos numa escola que se construa não somente pelo gestor, mas que considere principalmente, a participação de todos os envolvidos. Em se tratando de inclusão escolar, não pode ser diferente. Na entrevista, realizada com a direção da EscII, pude notar o quanto se necessita da prática para que a inclusão escolar seja satisfatória à instituição e toda comunidade escolar.

Quando J2 foi questionada a respeito dos aspectos facilitadores e dificultadores para os alunos com alguma deficiência, a mesma concluiu que os aspectos *“facilitadores, é que os demais alunos que sabem acolher e aqueles profissionais que mesmo despreparados ao menos tentam fazer algo”,* enquanto que os aspectos *“dificultadores, além da falta de certos recursos, um dos aspectos é a falta de conhecimento por parte dos profissionais (capacitação).”*

Em relação ao relacionamento dos profissionais da escola com os alunos com necessidades educacionais especiais, a mesma respondeu que *“poucas pessoas que sabem acolher esses alunos, outras que se fecham diante do problema, alguns que tentam fazer alguma coisa mesmo sem estarem preparados. E ainda existem aqueles que veem as crianças como um fardo, ignoram ou fazem de conta que fazem alguma coisa”.*

De acordo com as entrevistas, é possível perceber a carência de preparação profissional, como na fala da diretora da escola *“[...] Porém o espaço ainda não é totalmente adaptado, os professores não são preparados nem pedagogicamente nem psicologicamente. Acredito que no momento se faz necessário um trabalho com os professores, ativar as salas multifuncionais que se encontram fechadas e sem profissionais capacitados para atender as crianças e auxiliar os professores.”*

Essa carência na educação inclusiva acaba que atrasando o processo de inclusão, ou ao menos não o favorece em nada, ainda na fala da diretora percebemos isso quando a mesma diz que essa falta de preparação deixa os professores mais ausente de uma inclusão favorável a esse alunado, *“Sinto a falta de uma participação mais efetiva. Quando dialogo com eles a justificativa está relacionada à falta de materiais; de um conhecimento aprofundado para saber trabalhar com essas crianças; de um ajudante em sala de aula para que possa dar a*

atenção necessária a esses alunos, além de ter em sala um número sempre grande de alunos.”

A EscII, na visão da diretora, não está preparada (parte estrutural), para receber alunos com necessidades educacionais especiais, devido a carência de vários recursos tanto didáticos quanto pedagógicos e humanos. E, também por faltar detalhes fundamentais de acessibilidade, como as portas largas, banheiros adaptados, dentre outros aparatos. Em se tratando do aluno objeto dessa pesquisa, J2 acha que o mesmo se sente membro da instituição, é bem acolhido, e que esses alunos são recebidos por saber principalmente que eles tem direitos como qualquer outra criança. Porém o espaço ainda não é totalmente adaptado, os professores não são preparados nem pedagogicamente nem psicologicamente, e complementa: *“Acredito que no momento se faz necessário um trabalho com os professores, ativar as salas multifuncionais que se encontram fechadas e sem profissionais capacitados para atender as crianças e auxiliar os professores.”*

5.5 A visão de uma mãe sobre o processo de inclusão do filho

A mãe do aluno pesquisado, identificada aqui como R4, descobriu que o seu filho tinha um atraso no desenvolvimento quando o mesmo completou 1 (um) ano de idade, pois ainda não sentava sozinho e a partir daí a mesma foi notando que o filho não estava se desenvolvendo conforme o esperado para a faixa etária.

Quando questionada se o filho está sendo beneficiado com o processo de inclusão do filho, R4 disse que não, pelo fato do mesmo não estar se desenvolvendo. E, acrescenta: *“Como já disse fica num canto da sala sem participar de nada. Isso pra mim não é inclusão. Ele começou estudando em uma escola particular, no maternal pra ver se desenvolvia mais, eu já sabia dessa dificuldade dele, então no 2º ano, como ele não estava desenvolvendo eu coloquei ele em uma escola pública.”*

Ainda na entrevista, pude notar certa inquietação da mesma em relação à inclusão escolar, política na qual seu filho está inserido. Ela diz que *“O governo não investe na qualificação profissional, eu acho que essa política de inclusão é apenas um faz de contas. Melhorou um pouco pelo fato de levar esses alunos para turmas regulares mas falta muito mais ainda.”* E fala da capacitação de professores incluir a criança em seu desenvolvimento social e intelectual.

Como afirmam Glat e Blanco (2007, p. 16):

Uma escola ou classe para ser considerada inclusiva precisa ser mais do que um espaço para a convivência; precisa ser um ambiente onde o aluno aprenda os conteúdos acadêmicos socialmente valorizados para a sua faixa etária. A função básica e constituinte da escola é oferecer aprendizagem formal.

E, na fala da mãe desse aluno isso não está acontecendo, tendo em vista que esse aprendizado não aconteceu em um aluno de 13 anos, que está cursando o 4º ano fundamental. Ele participa de atividades no CREIO, onde é acompanhado por psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo e pedagogo, e tem aulas também em uma sala multifuncional em outra escola, já que a que o mesmo estuda não tem uma multifuncional aberta. Inclusive, segundo ela, os profissionais do CREIO atestam que o mesmo é inteligente, e que “o neurologista diz que ele pode ser o que quiser menos piloto de avião.” Portanto, devido ao atraso do DNPM o mesmo tem dificuldades para realizar inúmeras atividades.

Quando perguntei como a mesma esperava ver o filho daqui há 10 anos, ela se emocionou e disse querer o melhor pra ele e encerramos a entrevista, inclusive sugeri a ela um curso de pintura, de arte pra ele já que o mesmo adora desenhar.

5.6 Conversa com M1 e as observações em sala de aula

Com o aluno, identificado na pesquisa apenas como **M1**, eu conversei com ele, tentei fazer uma entrevista mas não tive êxito, pois não compreendia sua fala, comecei então a fazer perguntas onde ele respondia apenas sim ou não, conforme exposto no quadro abaixo:

Quadro síntese – Conversa com M1

1. Como é o seu nome completo? (Eu não compreendi sua resposta, deu a entender que o mesmo não sabe o nome completo)
2. Quantos anos você tem? 13
3. Você gosta da sua escola? Sim
4. Você gosta da Tia (A3)? E da Tia (J2)? Sim
5. Você gosta das merendeiras e de seus colegas? Sim
6. Os seus colegas te batem na sala, ou pirraçam e empurram? Não, “queto eu”.
7. O que você mais gosta de desenhar? Carro
8. Você gosta de estar aqui, se sente bem aqui? Sim

Durante a realização desse trabalho, pude observar esse aluno por quatro horas seguidas em sua sala de aula, não acompanha a turma, não consegue ler, e passa boa parte do tempo desenhando bonecos e carros. Porém, foi um aluno bastante tranquilo nesse momento, realmente como citado por ele e pela professora, tem um relacionamento bom com os colegas, brinca com eles durante intervalo e se relaciona muito bem com todos, tem um apelido derivado do seu nome, e não provoca desordem na sala.

Durante as observações o mesmo se comportou de maneira adequada em sala de aula, interagiu com alunos e profissionais da escola, porém não realizou as atividades. Ele não demonstra nenhum interesse em realizar tarefas, acredito que se tivesse um acompanhante incentivando a realização de atividades seria mais fácil e talvez chamasse a sua atenção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais desafios da inclusão escolar hoje no Brasil é a qualificação profissional. Com a realização desse trabalho pude perceber que a falta de capacitação dos profissionais da educação vem sendo uma das grandes travas da inclusão escolar, tendo em vista que para que exista uma educação de qualidade deve-se começar pela qualificação dos profissionais envolvidos.

O presente trabalho teve como objetivo principal, analisar o processo de inclusão de um aluno com Atraso do Desenvolvimento Neuropsicomotor, observando os aspectos escolares na perspectiva da inclusão, essa análise foi feita a partir de entrevistas realizadas com a mãe e a professora do aluno, e também com a direção da escola. O aluno também foi entrevistado, inclusive transparecendo uma enorme dificuldade de fala, de comunicação de uma maneira geral.

Foi verificada a prática da inclusão na instituição onde foi possível notar a falta de qualificação dos profissionais e também condições psicológicas que favoreçam a inclusão, isso ficou bem claro na fala da direção durante a entrevista e também da mãe do aluno objeto desse trabalho.

Pode-se também conhecer nesta pesquisa um pouco da realidade do aluno dentro da instituição, onde percebi que o mesmo é bem recebido e querido por todos. Foram registradas as condições em que o mesmo se encontra na escola, por meio de entrevistas, observações e leituras de documentos fornecidos pelo CREIO à instituição em que o mesmo estuda.

Foi um trabalho muito produtivo, pude perceber as dificuldades enfrentadas pelos entrevistados no âmbito educacional, ao mesmo tempo em que percebi a felicidade do M1 em estar ali no meio de todos podendo conviver com a rotina escolar. O resultado desse trabalho foi satisfatório, após sua finalização nota-se uma grande distanciação entre profissionais da instituição e alunos com necessidades especiais e a necessidade de ações mais concretas que possam estar preparando esses profissionais para a inclusão, como por exemplo um curso de formação para professores voltado para a inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação inclusiva: foco nas redes de apoio**. 2013. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/palavra-especialista-desafios-educacao-inclusiva-foco-redes-apoio-734436.shtml>> Acesso em 08 de nov. de 2015.

BENCINI, Roberta. **Cada um aprende de um jeito**. 2003. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/cada-aprende-jeito-432311.shtml>> Acesso em 11 de dez. de 2015.

BEZ, Andréia da Silva. **A educação inclusiva no município de santa rosa do sul (sc): realidade, dimensões e contribuições**. Cuiabá-MT, 2009. (Monografia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DENARI, Fátima. Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão. *In*: RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

DORNELAS, Lílían de Fátima; DUARTE, Neuza Maria de Castro; MAGALHÃES, Livia de Castro. **Atraso do desenvolvimento neuropsicomotor: mapa conceitual, definições, usos e limitações do termo**. Revista Paulista de Pediatria. Vol. 33, n. 01, Março 2015, pp. 88-103. Disponível em: <<http://www.rpped.com.br/pt/atraso-do-desenvolvimento-neuropsicomotor-mapa/articulo/S0103058214000239/>>. Acesso em 10 de nov. 2015.

DUTRA, Claudia Pereira. Editorial. *In*: **Inclusão**. Revista da Educação Especial. Ano 2, n. 3, dez./2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao2.pdf>> Acesso em 30 de out. de 2015.

GIL, Marta. **Alunos com deficiência: a escola prepara mesmo para a vida?** 2007. Disponível em <<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=20092>> Acesso em 05 de nov. de 2015.

_____. **A necessária formação profissional**. 2013. Disponível em <<http://www.acbinclusao.org.br/noticia/168/a-necessaria-formacao-profissional-por-marta-gil>> Acesso em 08 de nov. de 2015.

GLAT, R.; BLANCO, L.de M. V. Educação especial no contexto de uma educação inclusiva. *In*: GLAT, R. (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 2007.

GONZAGA, Andréia Karla de Souza. **O pedagogo como mediador na relação família-escola e a inclusão do portador de necessidades educativas especiais.** João Pessoa, 2007. Monografia. Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba.

MACEDO, Lino de. **Ensaio pedagógico: Como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: ArtMed, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: ARANTES, Valéria Morin (org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** 2ª Ed. São Paulo: Summus, 2006.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas.** São Paulo (SP): Cortez, 1996. p.184.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, v. 11 n. 33, set./dez., 2006. p. 387-401.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa.** São Paulo: Hucitec, 2007.

MIRANDA, T, G; FILHO, T, A,G; **O professor e a educação inclusiva.** Salvador: Editora: EDUFBA, 2012.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PEREIRA, Cleide Lucia; SANTOS, Marilane. **Educação inclusiva: uma breve reflexão sobre avanços no Brasil após a Declaração de Salamanca.** Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 265-274, 2009.

PIMENTEL, Susana C. Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos formativos. In: MIRANDA, Theresinha; GALVÃO FILHO, G.; Teófilo A. (Orgs). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.** Salvador: EDUFBA, 2012.

THOUSAND, J. S.; VILLA, R. A. Enhancing success in heterogeneous schools. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W.; FOREST, M. **Educating all students in the mainstream of regular education.** Baltimore: Paul H Brookes, 1989. p. 89-104.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de Entrevista I- Direção da Escola (Modelo)

1. Qual é sua formação?
2. Há quantos anos você trabalha na educação?
3. Tem experiência como professora? Quantos anos de experiência?
4. Quantos anos possui de experiência como diretora desta escola?
5. Para você, qual o principal desafio da inclusão escolar no Brasil atualmente?
6. Na sua opinião, o sistema da educação brasileiro favorece a inclusão?
7. Na sua escola, quais os aspectos que considera facilitadores para os alunos com alguma deficiência? E os aspectos dificultadores?
8. Qual sua opinião sobre o relacionamento dos profissionais da escola com os alunos com necessidades educacionais especiais?
9. Você acredita que esta escola (parte estrutural), está preparada para receber alunos com necessidades educacionais especiais? Justifique sua resposta.
10. Na sua opinião, os professores que atuam nesta escola colaboram com o processo de inclusão? Por que?
11. O aluno objeto deste estudo, você acredita que ele se sente como membro desta escola?
12. Descreva, com suas palavras, como acontece o processo de inclusão nesta escola? O que você acha que deveria mudar?

Apêndice B - Roteiro de Entrevista II – Professor (Modelo)

1. Qual sua formação?
2. Há quantos anos você trabalha na educação?
3. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
4. Para você, qual o principal desafio da inclusão escolar no Brasil atualmente?
5. Na sua opinião, o sistema da educação brasileiro favorece a inclusão?
6. Há quanto tempo você é professora do aluno com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor?
7. Na sua visão, como é o relacionamento do aluno com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor com demais colegas da sua turma?
7. Como é o relacionamento da turma com o aluno com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor?

8. Como é o comportamento do aluno com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor durante as aulas? Ele busca participar das atividades propostas?
9. Qual(is) a(s) atividade(s) que mais chama(m) a atenção deste aluno? Ele demonstra entusiasmo para realizá-la(s)?
10. Descreva as principais dificuldades do aluno em sala de aula?
11. Como você descreveria o desenvolvimento deste aluno no processo de ensino e aprendizagem?
12. O que você acha que deveria ser realizado (e ainda não foi) para colaborar no desenvolvimento desse aluno?

Apêndice C - Roteiro de Entrevista III - Mãe do aluno (Modelo)

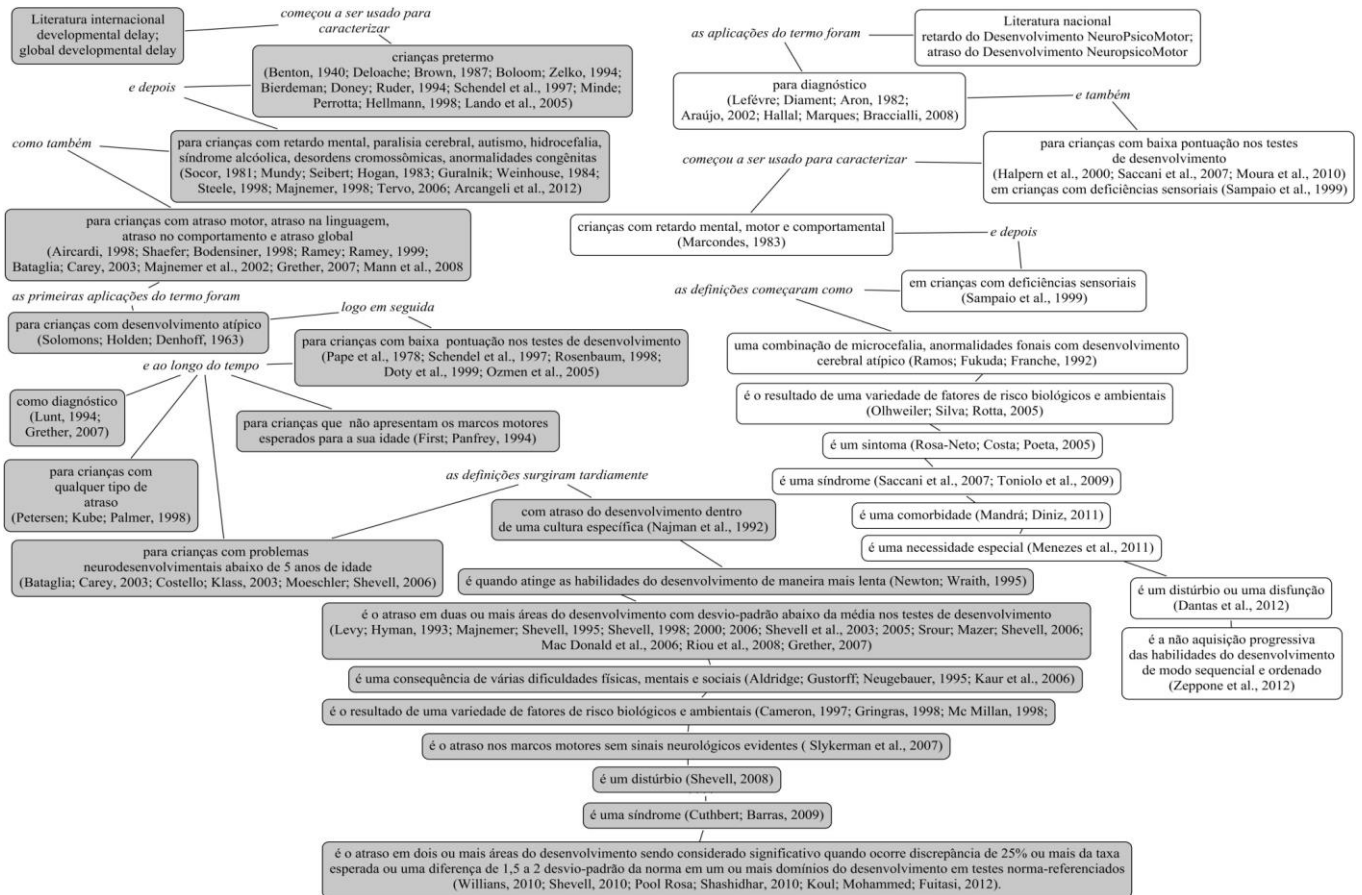
1. Quando você descobriu que o seu filho tinha um atraso no desenvolvimento?
2. Para você o que é inclusão escolar?
3. Para você, o seu filho está sendo beneficiado com a inclusão escolar?
4. Seu filho participa de atividades no CREIO, onde inclusive tem o acompanhamento de profissionais da área da saúde. Além do CREIO, ele já esteve ou está em uma outra instituição que possa colaborar no seu desenvolvimento?
5. Como você descreveria o atendimento oferecido nesta escola para o seu filho?
6. O que os profissionais do CREIO falam sobre o desenvolvimento do seu filho?
7. O que você espera do seu filho daqui uns 10 anos em relação ao seu desenvolvimento? O que fundamenta esse seu desejo?

Apêndice D – Roteiro Entrevista com o aluno (Modelo)

1. Como é o seu nome completo?
2. Quantos anos você tem?
3. Você gosta da sua escola?
4. Você gosta da Tia ... (A3)? E da Tia ... (J2)?
5. Você gosta das merendeiras e de seus colegas?
6. Os seus colegas te batem na sala, ou pirraçam e empurram?
7. O que você mais gosta de desenhar?
8. Você gosta de estar aqui, se sente bem aqui?

ANEXOS

Anexo A – Mapa conceitual do termo atraso do desenvolvimento na literatura internacional e nacional.



Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais

	Universidade de Brasília – UnB Instituto de Psicologia – IP Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante Voluntário

Nome do Participante Voluntário:

E-mail(opcional): _____

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____
(explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ *(explicitar instrumentos de coleta de dados)*, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____